



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

LITERATURA INFANTIL: DESCONSTRUINDO ESTEREÓTIPOS DE GÊNERO

Mauricio Alves de Souza Pereira¹; Luiz Henrique Silva Nascimento²

- 1- Universidade Estadual de Montes Claros – Unimontes / Universidade de Franca SP – Unifran
e-mail: mauricio_sal@yahoo.com.br
- 2- Universidade Estadual de Montes Claros – Unimontes / Faculdade de Saúde Ibituruna – FASI
e-mail: luhesina@gmail.com

RESUMO

A sociedade passa por transformações profundas que não podem ser deixadas de lado. Cresce cada vez mais o preconceito, de todas as formas; de gênero, de orientação sexual, raça, dentre outros. A naturalização desses preconceitos ocorre ininterruptamente e são necessárias propostas de soluções para esse gravíssimo problema. A educação, chave para a transformação, muitas vezes omite os preconceitos, na própria escola, ajudando a cristalizá-lo, uma vez que não propõe medidas para acabar com ele. A proposta deste trabalho é apresentar os problemas por que passam a educação em relação às dificuldades sobre a sexualidade e apresentar propostas de literatura infantil que desconstruam os estereótipos de gênero para o trabalho em sala de aula.

Palavras-chave: Literatura infantil, educação sexual, gênero.

INTRODUÇÃO

A escola, formadora de cidadãos, baseia-se ainda no tradicionalismo e pouco fala sobre as questões de gênero e sexualidade, discurso acirrado na contemporaneidade. Ao se omitir em relação a esses assuntos, e, muitas vezes, transmitir uma educação pautada nos valores tradicionais da família, a escola forma alunos com visões patriarcalistas, preconceituosas e autoritárias.

Desde cedo as crianças aprendem a se comportar de uma forma homogênea, definida de acordo o seu sexo: meninos e meninas devem, de acordo as normas, comportarem-se de uma determinada maneira. Essa relação construída socialmente, embora pareça ocorrer de forma responsável e respeitosa, pode desenvolver a naturalização da superioridade entre as várias diferenças, de modo especial tratado nesse trabalho, a de gênero.



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

A omissão da discussão da diversidade de gênero contribui para o desenvolvimento da legitimação de preconceitos advindos da normatização de gêneros, da heterossexualidade e do comportamento determinado.

Bem sabemos que a escola é um espaço no qual se desenvolvem vários tipos de relações, sendo considerada, portanto, sociocultural e diversa, uma vez que recebe alunos de todos os tipos, diversos em todas as formas. A escola, nesse sentido, é tida como espaço de valorização e discussão de valores, preparada com o propósito de ensino/aprendizagem não só das ciências que contém no seu projeto pedagógico, mas da condição humana. Isso é o que se diz sobre ela, pois o que acontece, no entanto, é a perpetuação e legitimação do preconceito, de todas as formas.

Na escola as crianças são disciplinadas e aprendem a seguir regras determinadas de convivência social. A proposta desse trabalho é não apenas mostrar a disciplinarização que ocorre na escola, mas como a literatura, de modo especial a literatura infantil, atua de forma a naturalizar os valores tradicionais. O trabalho propõe a problematização de como a literatura pode operar na cristalização de estereótipos de gênero e uma reflexão para os educadores, voltada para a vertente da discussão da diversidade de gêneros através da literatura infantil.

Para a realização do estudo, foram tomados alguns autores como Schindhelm (2011), Zoring (2008) e Freud (1996) acerca da sexualidade e Zilberman (1985) referente à literatura infantil.

SEXUALIDADE INFANTIL

Sexualidade é uma construção social, que ainda hoje é polêmica nas escolas pela multiplicidade de visões, crenças, tabus, interditos e valores dos que nela estão inseridos, como afirma Virginia Georg Schindhelm (2011):

A infância hoje não é mais vista e estudada por conceitos universais, mas histórica e culturalmente localizada através de crianças vistas como sujeitos que vivem em lugares e tempos específicos. Assim como a infância nem



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

sempre foi vista da mesma maneira, a sexualidade também é uma construção social definida por marcas culturais impressas antes mesmo da concepção de um bebê. Supondo o desejo de um casal de ter um filho, a sexualidade mostra-se presente desde a experiência sexual para fecundar o embrião, passando pelo imaginário dos pais acerca do gênero desta criança e pelas construções afetivas destinadas a este futuro bebê. (SCHINDHELM, 2011, p. 2-3)

Pensar a sexualidade infantil nos remete às importantes contribuições de Freud para a sexualidade no século XX. Schindhelm (2011) explica que as teorias desenvolvimentistas tinham como base as leis biogenéticas, que asseguravam um determinismo no desenvolvimento da criança a partir de estágios espontâneos e sequenciais marcados por sobreposições de estruturas matrizes.

Em “*Três Ensaio sobre a Teoria da Sexualidade*” escrito em 1905, Freud (1996) explicita as manifestações da sexualidade infantil, como: (1) chúcar, que já aparece no lactente e pode continuar até a sua vida adulta ou velhice, que consiste na repetição rítmica de um contato de sucção com a boca (os lábios), sendo excluído qualquer propósito de nutrição; (2) autoerotismo, determinado quando a pulsão não está dirigida para outra pessoa; satisfaz-se no próprio corpo, é autoerótica.

De acordo Silvia Maria Abu-Jamra Zornig (2008) a sexualidade proposta por Freud é uma sexualidade ampliada e radicalmente diferente da concepção naturalista predominante no final do século XIX, quando a normalidade sexual era definida pela sexualidade adulta e a consumação do ato sexual referida a fins de reprodução. Schindhelm (2011) explicita que o trabalho de Freud explanava a divisão do período pré-puberal de desenvolvimento da personalidade em estágios dominados por tendências sexuais, essas provenientes de impulsos instintivos e não aprendidos, porém com o objetivo do prazer. Para Zornig (2008) Freud, na sua obra completa, deu enorme importância à sexualidade infantil exatamente por reconhecer seu valor estruturante: as teorias sexuais infantis permitem à criança interpretar o enigma de sua existência, construindo, através de sua fantasia, um lugar subjetivo que lhe permite descolar-se da posição de alienação original no discurso parental.

A noção de uma sexualidade infantil ampliada e extragenital enfatiza também seu caráter relacional, ou seja, de como a constituição do sujeito se dá na



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

relação com seus outros fundamentais, desconstruindo qualquer ideia de uma condição humana biológica, instintiva e natural. (ZORNIG, 2008)

Neste sentido, Zornig (2008) explica que ao enfatizar o fator infantil no adulto, mostrando como ele é moldado de ponta a ponta pelos conflitos, traumas e desejos da criança, Freud nota o valor do infantil que é recalcado no adulto e que uma criança coloca em cena, com sua sexualidade. O infantil em Freud se acena a dois planos: o plano da constituição do sujeito através da construção das teorias sexuais infantis e da realidade psíquica da criança e o infantil, que se mantém como um núcleo inconsciente presente na criança e no adulto, relacionado não a um tempo cronológico, mas a um tempo de retroação subjetiva.

A sexualidade infantil confronta o adulto com sua própria infância perdida, colocando-o diante de um impasse: reconhecê-la, podendo acompanhar as crianças em seu percurso subjetivo, ou negá-la, para não se deparar com suas frustrações, conflitos e desejos infantis. Manter a importância da concepção freudiana sobre a sexualidade infantil é reconhecer sua dimensão singular e estruturante: singular por estar referida à construção da subjetividade a partir da representação psíquica da relação corpo a corpo com o outro; e estruturante por testemunhar as marcas relacionais que funcionam como referentes para uma apropriação narrativa a posteriori. (ZORNIG, 2008)

Schindhelm (2011) finaliza suas considerações dizendo que a sexualidade e seu desenvolvimento são fortemente marcados pela cultura e pela história de cada sociedade, que fixa regras de relevada influência no comportamento dos sujeitos. Fazendo-se presente no desenvolvimento da sexualidade infantil pela maneira, por exemplo, como os adultos reagem ao prazer manifesto pela criança nos primeiros movimentos exploratórios que fazem em seu corpo.

Discussão sobre a literatura infantil e assuntos de gênero

A escrita propriamente para crianças começou a ser produzida a partir do século XVII. Até então não havia uma literatura ou até mesmo escritos destinados diretamente às crianças. O que houve, no entanto, foi o surgimento da necessidade de se construir uma nova noção de família, Regina Zilberman (1985) nos diz a respeito:



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

Esta mudança se deveu a outro acontecimento da época: a emergência de uma nova noção de família, centrada não mais em amplas relações de parentesco, mas num núcleo unicelular, preocupado em manter sua privacidade (impedindo a intervenção dos parentes em seus negócios internos) e estimular o afeto entre seus membros. (ZILBERMAN, 1985).

As obras lidas desde a infância pontuam uma caracterização de comportamentos definidos, traçando sempre e de forma homogênea o masculino e o feminino. É usualmente presente, também, nas obras lidas, não só na infância, mas em todos os níveis, o patriarcalismo, que exalta o ponto de vista masculino e deixa como segundo plano e bem menos importante o feminino. Não só a caracterização estereotipada do homem e da mulher está presente na literatura infantil, mas também a figura da família tradicional. Não percebemos nenhuma preocupação com a caracterização de novas famílias presentes na atualidade, o que distancia o mundo real do mundo do texto.

Ainda considerando o percurso histórico da literatura infantil, marcando a concepção educativa e normativa de algumas obras, Zilberman (1985) nos diz que os primeiros textos para crianças são escritos por pedagogos e professores, com marcante intuito educativo.

Denise Escarpit, acerca da literatura infantil, inicia seus trabalhos no séc. XVII, mostrando quais teriam sido os primeiros livros escritos para crianças. Cita, como exemplo, o trabalho *Orbis Sensualium Pictus* (1658), de Comenius, obra criada com o intuito de ensinar latim através de gravuras, um antepassado, hoje, o livro didático infantil ilustrado. Antes do século XVII, afirma Escarpit, não existiria nada que pudesse ser tratado como literatura infantil.

Atualmente, há algumas obras infantis que mostram as relações das famílias contemporâneas, veladas até então. O que não acontece, porém, é o trabalho com elas nas escolas e a leitura pelas crianças. Um exemplo dessas obras é a obra *Meus dois pais*, de Walcyr Carrasco. A obra mostra um relato em primeira pessoa, narrado pelo próprio protagonista Naldo, que conviveu com a separação de seus pais. A princípio, Naldo não se



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

importou com a separação de seus pais, o que era normal na sua escola, muitos de seus colegas tinha seus pais separados. A problematização se dá no momento em que a mãe do garoto se muda para trabalhar e ele vai morar com seu pai e um companheiro, a quem o menino identifica como amigo do pai. Através de conversas de seus familiares e pelo comportamento de seu pai e seu "amigo" o garoto começa a ficar desconfiado

Na despedida, meu pai me abraçou bem forte:

– Naldo, tem muita gente contra mim.

– Por que, papai? Ele ficou emocionado. E disse aquela frase horrível que os mais velhos usam quando não querem falar de alguma coisa.

– Mais tarde você vai entender.

Que raiva! Por que eles têm essa mania de achar que, por ser mais novo, eu não vou entender? Eu ia responder que já sou bem crescido, quando ele me abraçou de novo:

– Mas eu não vou desistir de você!

Fiquei sem voz. Desistir de mim? Então o caso era muito sério! Sozinho, eu pensava:

– O que o papai fez de tão errado? Por que não querem que eu fique com ele? (Carrasco, 2010, p. 15)

Quem revela a Naldo que seus pais são homossexuais são seus amigos, em uma conversa:

Convidei o Paulo e o Fê pra fazer um trabalho de grupo.

(...) Nem acreditei quando eles recusaram o meu convite.

– A minha mãe me proibiu de ir no seu apartamento – disse o Fê.

Fiquei chateado. Quis saber o motivo.

– É por causa do seu pai.

O Fê se afastou sem querer falar muito. Fui atrás.

– O que o meu pai tem de errado?

Os dois ficaram sem jeito, até que o Fê disparou:

– Seu pai é gay, Naldo! (p. 21)

A mãe do garoto é quem conversa com ele e discute a situação, dizendo que também se impressionou com a escolha do ex-marido. A grande indagação do menino é se ele se tornaria homossexual pelo fato de conviver com homossexuais. Sua avó lhe explica seu pai foi criado por uma família tradicional e que o fato de ele ter se tornado homossexual não era esse. Ao final, o garoto descobre que o importante é ter uma família que o ame.



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

O livro nos traz a reflexão de uma coisa corriqueira, que acontece bastante na sociedade. Embora seja um livro destinado ao público infantil, o livro traz aos adultos um questionamento, que é a indagação do garoto: o fato de conviver com homossexuais faz com que a pessoa se torne homossexual? a resposta já sabemos, mas é usual vermos opiniões preconceituosas acerca do assunto.

Afinal, essa é uma obra lida e indicada? Não. A sociedade vela essas características que a compõem, e tentam, através das ideologias, explicar esses fatos e escamoteá-los, negando a importância de se problematizar isso desde a infância. A leitura, conforme nos diz Cecília Meireles (1984), pode marcar as atitudes da criança:

A natureza e intensidade dessas emoções podem repercutir na vida do pequeno leitor de maneira definitiva. Não apenas ele se lembrará, até a morte, desse primeiro encantamento, [...]; muitas vezes, a repercussão tem resultados práticos: vocações que surgem, rumos de vida, determinações futuras. (MEIRELES, 1984, p.128)

A leitura na infância, seguindo a linha de raciocínio de Meireles (1984), marca a vida da criança. Desde cedo ela começa a criar seus horizontes de expectativas através do texto e construir os sentidos de sua vida através de sua leitura.

Considerações finais

Para trabalhar a literatura infantil nas séries iniciais é preciso que o professor tenha um conhecimento amplo acerca do assunto. Para desconstruir os estereótipos de gênero que foram discutidos neste trabalho é preciso, primeiramente, tomar isso como um problema grave e que necessita da ajuda de todas as entidades, profissionais e envolvidos para ser resolvido. Para dar uma formação aos alunos que se pautem no respeito e na valorização das diferenças é preciso formar, primeiramente, os próprios professores.

Assim como o livro citado de Walcyr Carrasco, citado neste trabalho, há outros parecidos que trazem assuntos inerentes ao gênero, como por exemplo: Cabelinhos



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

nuns lugares engraçados (Babette Colle); O príncipe Cinderelo (Babette Colle); A princesa sabichona (Babette Colle); Mamãe nunca me contou (Babette Colle); Mamãe botou um ovo; (Babette Colle) Dois de cada (Babette Colle); O Urso que queria ser pai (Wolf Erlbruch); Ceci tem pipi? (Thierry Lenain); Ceci quer um bebê (Thierry Lenain); Os beijinhos de Ceci (Thierry Lenain); Sementinhas de fazer bebês. (Thierry Lenain), entre outros. Cabe ao professor selecionar as leituras que caibam em suas aulas e fazer com que seus alunos conheçam, através da leitura, o mundo e a sociedade atual.

Referências Bibliográficas

CARRASCO, Walcyr. Meus Dois Pais. Ilustrações de Laurent Cardon. São Paulo: Ática, 2010.

FREUD, Sigmund. Três Ensaio sobre a Teoria da Sexualidade. In: Obras psicológicas completas de Sigmund Freud. Vol. VII. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

MEIRELES, Cecília, (1984). Problemas da literatura infantil – 3ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.

SCHINDHELM, Virginia Georg. A sexualidade na educação infantil. In revista Aleph Infâncias. Nº 16, 2011.

ZORNIG, Silvia Maria Abu-Jamra. Como Teorias Sexuais infantis na atualidade: algumas Reflexões . Psicol.estud. [online]. 2008, vol.13, n.1, pp. 73-77. ISSN 1413-7372.

ZILBERMAN , Regina. A literatura infantil na escola. 5. ed. rev. ampl. São Paulo: Global, 1985.